

RETROSPECTIVA, DE WALDO MOTTA¹

RETROSPECTIVA, BY WALDO MOTTA

Wilberth Salgueiro*

Nestes anos de poesia,
sempre a mesma cantiga,
sempre a rasgar o verbo,
as vestes da mentira.

*Tudo o que consegui
foi que pessoas de bem
ficassem de mal comigo.*

*A meia dúzia de amigos
que tinha virou fumaça.
Tadinhos, era demais
a minha conduta oblíqua.*

*Destes anos de poesia,
o saldo se resume
na pedraria inútil*

¹ SALGUEIRO, Wilberth. Retrospectiva, de Waldo Motta. *Rascunho*, Curitiba, n. 226, p. 18, fev. 2019. Disponível em: <<https://rascunho.com.br/colunistas/sob-a-pele-das-palavras/retrospectiva-de-waldo-motta/>>. Acesso em: 26 maio 2024. O mesmo texto consta em SALGUEIRO, Wilberth. Retrospectiva, de Waldo Motta. In: _____. *A primazia do poema*. Campinas: Pontes, 2019. p. 234-238.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

*que me atiram,
nos rapapés e o azedume
que os meus olhos destilam.*

O poema *Retrospectiva*, de Waldo Motta, abre a seção *Metapoética*, de sua antologia **Transpaixão**, publicada pela Edufes em 2008. Originalmente, o poema saiu em **Salário da loucura**, de 1984. Antes desse, o poeta colecionava cinco livros, o que já constituía um percurso expressivo para suscitar essa “retrospectiva”. Em **Transpaixão**, o poema completava 24 anos; hoje, em 2019, 35 anos. A “idade do poema” importa se percebemos que o sentimento de exclusão de outrora perdura no agora, basicamente devido ao diagnóstico que o próprio poeta aponta: a “conduta oblíqua” do sujeito que se expõe nos versos. Mas que conduta oblíqua seria essa, ontem e hoje?

Waldo Motta deve ser no presente o poeta capixaba mais conhecido em âmbito nacional (ao lado da poeta Elisa Lucinda), reconhecimento que veio se firmando a partir, sobretudo, da publicação de **Bundo & outros poemas** (1996), pela editora da Unicamp, com organização de Iumna Maria Simon e Berta Waldmann. Desde lá, sua obra se tornou objeto de estudo e referência para renomados críticos como Celia Pedrosa, Fábio de Souza Andrade, Fabio Weintraub, Italo Moriconi, João Silvério Trevisan, José Carlos Barcellos, Raul Antelo, Roberto Schwarz, Vagner Camilo, além das organizadoras de **Bundo**. Iumna Simon, em especial, quando analisa a conjuntura da poesia brasileira contemporânea, tem dedicado a Waldo Motta (e a Cláudia Roquette-Pinto) um lugar de destaque, num cenário em que vê aridez, beletrismo e muita “poesia perfumada”, como afirma em *Tentativa de balanço* (**Novos estudos Cebrap**, 2012). Com essa porção de rapapé, persiste a pergunta: que conduta oblíqua é essa que fez e faz com que “pessoas de bem” atirassem e atirem uma “pedraria inútil” no poeta? No poema, em sua forma, se vislumbra a resposta.

Com quatro estrofes, os 17 versos se distribuem de maneira “irregular”: 4/3/4/6. Quanto à métrica, à exceção da terceira estrofe, em que todos os quatro versos

são heptassílabos, nas outras estrofes temos variações, conforme se queira ou não elidir certas sílabas: 8(7)-6-6-6, 6-7-7, 7-7-7-7 e 8(7)-6-7(6)-4(3)-8(7)-6. Também aqui há uma flutuação rítmica entre versos de 6 a 8 sílabas, simultaneamente à fixidez da estrofe três toda em redondilha maior e à quebra do ritmo no verso “que me atiram” [4(3)], menor que os demais. O jogo rímico traduz algo semelhante: i-i-e-i, i-e-i, i-a-a-i, i-u-u-i-u-i, ou seja, dos 17 versos, há dez rimas em /i/, três em /u/, duas em /a/ e duas em /e/. Novamente, ocorre a convivência entre o disforme (o excesso de rimas em /i/) e o regular (o equilíbrio de rimas em /a/, /e/, /u/). A visualização da forma “externa” do poema dá, assim, pistas dessa “conduta oblíqua”, uma conduta torta, dissimulada, transversal, insinuante, que se fixa no fazer ondulante da poesia, que combina constância e volubilidade. Mas isso não basta. De que fala o poema?

Fala de uma rejeição e, a um tempo, do rancor e da reação a esse estado de coisas. De saída, o poeta diz que sua arte se dispõe “a rasgar o verbo,/ as vestes da mentira”. Tal postura desbragada desagradada a certas “pessoas de bem” que se opõem ao modo de ser do poeta. Mesmo os poucos amigos se vão, viram “fumaça” (“Que se partiu, cristal não era”, diria Drummond). O tom irônico já antevisto na expressão “pessoas de bem” retorna no hilário e cruel “tadinhos”, forma reduzida de “coitadinhos”, adjetivo com que define aquela “meia dúzia de amigos” que sumiram diante da conduta oblíqua do poeta. Por fim, o saldo amargo de *Retrospectiva* se dilui na rejeição à conduta diferente (“Joga pedra na Geni”, diria Chico); o poeta recebe também algumas lisonjas e louros (rapapés), mas insuficientes para sanar o “azedume” que sobra. Os “olhos destilam”, isto é, depuram e identificam cada elemento desse saldo, tudo isso que resta “destes anos de poesia”. O sentimento de que sobrou pouco, apesar do muito que se fez, atinge e afeta o poeta que, sem peias, registra, como negativas, as misérias do legado (diria o Brás de Machado).

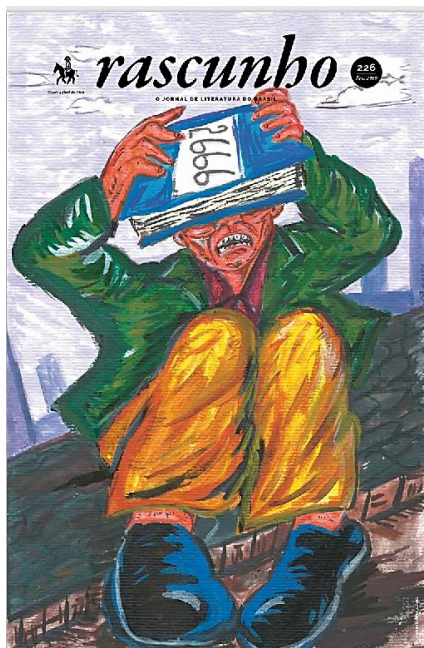
Este poema de Waldo Motta se fala, sim, de si mesmo, ultrapassa no entanto o âmbito pessoal e se insere na antiga tradição do poeta maldito, do assinalado, do escolhido, do gauche, do torto (lugar de diferença que, em Waldo, tem sido

estudado por pesquisadores capixabas, como Ériton Berçaco e Marcel Martinuzzo). Tal lugar veio se constituindo ao longo da obra de Waldo a partir de poemas que espantam, chocam, assustam, surpreendem o bom-mocismo, o senso comum, os clichês, o gosto aburguesado, esse “purée de batatas morais” (diria Mário). Antes de *Retrospectiva*, por exemplo, em **As peripécias do coração** (1981), Waldo publica *Footing no pé-sujo*: “Cheio de metáforas e nicotina,/ resolvo sair um pouco./// Ao longo da rua sorumbática,/ cães, crianças, bêbados e malandros./// Uns me cumprimentam, outros escarnecem/ do ‘viado que é poeta e saiu no jornal’”. Depois de *Retrospectiva*, a pegada permanece, com dezenas de poemas corajosos, ousados, polêmicos, que misturam escrachadamente, sem falsos pudores, o erótico e o sagrado, como nos dois seguintes, de **Bundo** (1990), *NO CU* e *CLARO, CLARO*, ambos em caixa alta: “NO CU/ DE EXU/ A LUZ”; “CLARO, CLARO:/ É PELO TALO/ QUE COMEÇA/ O FRUTO./ A VIDA/ MEDRA/ DO RABO”. A imagem, a ideia, o conceito, os termos “cu”, “rabo”, “ânus” na obra de Waldo são recorrentes. Não à toa um de seus ensaios se intitula provocadoramente *Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu* (**Mais poesia hoje**, 2000). Tal recorrência autoriza, de certo modo, a ver nos versos “Nestes anos” e “Destes anos” do “sodomita místico do Espírito Santo” (Italo Moriconi) uma homofonia com “Nestes ânus” e “Destes ânus”. (Veja-se também, entre tantos outros poemas, a presença de “rabo” em *Wonderful gay world* e o poema visual *CéU*.)

A poesia homoerótica de Waldo Motta tem parentesco, no Brasil, com, por exemplo, certa lírica de Glauco Mattoso e de Roberto Piva. A conduta oblíqua do autor de **Bundo** transita incessantemente da vida à obra: pobre, negro, homossexual, capixaba, místico, autodidata, poeta, artista, militante, todo esse perfil se desenha em seus versos. Poemas como *Festa da Penha* e *Idílio moderno* (**Obras de arteiro**, 1982) incomodam aquelas “pessoas de bem”, aqueles “tadinhos” que lhe viram a cara: “Em meio aos romeiros, que nem santas,/ lá vai o bicharêu rumo ao Convento./ Tanto fervor e sacrifício compensa,/ no caminho a pegação é óóó-ti-ma!”; “Tô de caso/ com meu vibrador”. Os poemas de Waldo acionam frase de Gilles Deleuze: “Os que leem

Nietzsche sem rir, e sem rir muito, sem rir frequentemente, e por vezes de riso desbragado, é como se não lessem Nietzsche". Porque o riso, em Nietzsche, e é disso que Deleuze fala, transforma o sofrimento em alegria, o preconceito em pensamento, a seriedade vã em potência criativa, o vil em mil, as vestes da mentira em anos de poesia.

Em síntese, o poema em pauta de Waldo Motta resume uma situação pessoal do poeta, percebida décadas atrás, e ainda vigente, mas que se estende à situação de todo artista, de toda pessoa cuja obra incomoda. Em *Saudações*, do mesmo livro de *Retrospectiva*, o poeta destila: "Ó ilustríssimos senhores/ de modos finos, que saco!/ Pelo amor da santa, fora/ com vossos salamaleques!". Se alguma solidão, se algum limbo, se algum lugar marginal e maldito é o preço da "conduta oblíqua", da transpaixão, que seja. Diferentemente daqueles que viraram "fumaça", a poesia densa e desbragada de Waldo perdura, doída, rindo e fazendo rir a quantos nela se tocam, a quantos, de fato, nela se leem.



Capa de *Rascunho* e página com o comentário de Wilberth Salgueiro, "Retrospectiva, de Waldo Motta".
Abaixo, capa de *A primazia do poema*, de Wilberth Salgueiro, em que se republica o comentário.

ADÉLIA PRADO ADRIANA LISBOA ALBERTO
DA CUNHA MELO ALBERTO PUCHELI ALEX
POLARI ALICE RUIZ ALÍPIO FREIRE ■
ANGÉLICA FREITAS ANTONIO CICERO ■
AUGUSTO DE CAMPOS BRUNA BEBER ■
CAETANO VELOSO CARLOS DRUMMOND ■
CARLOS MARIGHELA CAROLINA MARIA DE
JESUS CHAÇAL CLÁUDIA ■
ROQUETTE-PINTO ELISA LUCINDA ■
— **A PRIMAZIA DO POEMA** —
FABIO WEINTRAUB GILBERTO OIL ■
GLAUCO MATTOSO GUIMARÃES ROSA ■
HILDA HILST JOÃO CABRAL JOSÉ PAULO ■
PAES TEILA MICCOLIS LINO MACHADO ■
MACHADO DE ASSIS MANOEL DE BARROS
MANUEL BANDERA MÁRIO DE ANDRADE ■
MIRO DA MURIBECA NICOLAS BEHR PAULO
HENRIQUES BRITTO PAULO LEMINSKI ■
WILBERTH SALGUEIRO RICARDO ALEIXO ■
RICARDO CORONA RICARDO SILVESTRIN ■
SEBASTIÃO UCHOA LEITE SERGIO VAZ ■
WALDO MOTTA ZECA BALEIRO ■

Pontes

A PRIMAZIA DO POEMA

42.

“RETROSPECTIVA”, DE WALDO MOTTA

Nestes anos de poesia,
sempre a mesma cantiga,
sempre a rasgar o verbo,
as vestes da mentira.

Tudo o que consegui
foi que pessoas de bem
ficassem de mal comigo.

A meia dúzia de amigos
que tinha virou fumaça.
Tadinhos, era demais
a minha conduta oblíqua.

Destes anos de poesia,
o saldo se resume
na pedraria inútil
que me atiram,
nos rapapés e o azedume
que os meus olhos destilam.

234